

## REPETÊNCIA NA 5ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE TERESINA: A VISÃO DAS “VÍTIMAS”

Katarina Kalyne Teixeira de Miranda Pessoa (UFPI)  
Maria da Glória Duarte Ferro (UFPI)  
Maria do Socorro Santos Leal Paixão(UFPI)

GT 13 – Educação e Representações Sociais

A repetência escolar é um dos problemas mais graves da educação no Brasil. É um fenômeno complexo que reúne múltiplos aspectos.

É grande o número de crianças que não conseguem desempenho satisfatório na escola e são reprovadas no final do ano. Também é elevado o número de alunos que acabam desistindo da escola depois de várias tentativas mal sucedidas.

Estudos realizados (CARRAHER e REGO, 1981; MELLO, 1982; LAMPRECHT, 1990; PATTO, 1991; FERREIRO, 1993; SOARES, 1994; LEAL et al, 1996; GOMES, 2002, entre outros) apontam a retenção como o ponto nevrálgico da educação brasileira, uma vez que os alunos passam, em média, 5 anos na escola antes de se evadirem ou levam cerca de 11,2 anos para concluir as oito séries de escolaridade obrigatória.

É no ensino fundamental que há uma maior incidência da retenção escolar. Os dados do **Censo Escolar do MEC** (Ministério da Educação), período 1999-2000, revelam um índice de repetência de 28,5%. Mesmo apresentando uma queda de 0,5% em relação ao período anterior, o atraso escolar na educação brasileira é acentuado, principalmente nas últimas séries do ensino fundamental, sendo que na 5ª série encontra-se a maior taxa: 50,4%.

Sabe-se que o elevado número de reprovações nas séries iniciais do ensino fundamental, além do congestionamento do fluxo escolar, contribui significativamente para o aumento dos gastos públicos, *ainda acrescidos pela subtilização de recursos humanos e materiais nas séries finais, devido ao número reduzido de alunos*. (PCN,V.1,p. 26). A implantação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF), em 1996, surge da necessidade de trazer melhorias para o ensino nesta fase com um maior investimento. Realizado nas escolas de acordo com o número de matriculados, sua efetivação ocasionou uma ampliação de vagas no sistema escolar brasileiro seguindo-se com a ausência de uma política de qualidade, resultando na construção de um ensino deficiente, onde o fracasso escolar está cada vez mais presente.

São inúmeras as discussões no meio educacional no que diz respeito ao fracasso escolar. Educadores como Paulo Freire (1996) acredita que toda criança é capaz de aprender desde que lhes sejam asseguradas às condições para isso. Nesse sentido, não basta apenas democratizar o acesso tem-se que democratizar o ensino. Este deve ser de qualidade e de acordo com a realidade do aluno.

Buscando explicações para o problema da repetência escolar nas séries iniciais do ensino fundamental, este estudo seguiu uma dimensão ainda pouco explorada pelas pesquisas realizadas no contexto educacional brasileiro: *as percepções dos próprios alunos “fracassados” sobre a reprovação escolar*. Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) serviu como referência para esta investigação.

Com origens na Sociologia e Antropologia e surgimento em 1961 na Europa com a publicação da obra de Serge Moscovici, *La Psychanalyse: son image et son public de Serge Moscovici*, a Teoria das Representações Sociais trouxe avanços e novidades significativas para o meio científico, pois apresenta o senso comum, conhecimento construído na vida cotidiana, como o ponto de partida para construção de um conjunto de saberes que contribui para a compreensão das várias dimensões da realidade, seja física, social, cultural e cognitiva.

Assim, trabalhar com representações sociais é apresentar uma sociedade com sujeitos pensantes, logo, são os mesmos que constroem a representação social.

Nesse sentido Moscovici (1978: 81) expõem que:

[...] as representações sociais incitam-nos a preocupar-nos mais com as condutas imaginárias e simbólicas na existência ordinárias e simbólicas das coletividades. Reatar neste ponto, o fio perdido da tradição pode ter conseqüências muito felizes para a nossa ciência.

Dessa forma, fazer uso da teoria das representações é dimensionar o trabalho a partir do conhecimento de um determinado grupo humano (neste caso, os alunos fracassados) sobre um determinado objeto (o fracasso que sofrem). Nessa perspectiva, Pereira de Sá (1993:81) confirma que os indivíduos *são pensadores ativos que, mediante inúmeros episódios cotidianos de interação social, produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações.*

A Teoria das Representações Sociais ressalta uma realidade que não esta inserida “puramente” na razão. Essa teoria propõe um estudo de muita interpretação e re-interpretação, pois nos coloca a frente da dicotomia e conflitos. Devido à aceitação de conteúdos contraditórios e a possibilidade de trabalhar com as diferenças a teoria das Representações Sociais possui uma visão dialética, com isso enriquece a investigação do objeto estudado. É nesta dinâmica que se encontra a essência dessa teoria.

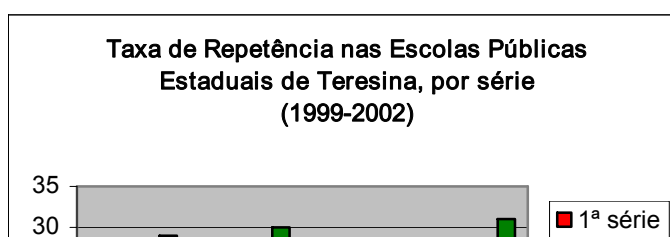
Portanto, conhecendo as características da teoria das Representações Sociais pode-se inferir que não simplifique ou torne fácil à realização de um estudo com base em seus postulados, mas torne clara a relevância que a mesma pode possuir para uma pesquisa social.

Com o estudo realizado nas Escolas Públicas Estaduais de Teresina observa-se que há casos alarmantes, como é o caso de uma das escolas analisadas que apresenta um percentual de 90% de repetentes na 5ª série. Devido aos números serem altos, as Escolas formam turmas somente de repetentes e outras de não repetentes, o que poderá contribuir para um aumento da exclusão desses alunos considerados “fracassados”.

Face ao exposto, fica clara a relevância que a teoria pode representar para uma pesquisa social.

Verificar o que o aprendiz sabe e diz sobre o seu próprio fracasso na escola, como o aluno encara o seu sucesso e/ou fracasso escolar, qual o significado da escola para os alunos fracassados, constituem as questões básicas perseguidas nesse estudo. Portanto, o objetivo do presente trabalho foi analisar as representações sócias de alunos da 5ª série do ensino fundamental das escolas públicas estaduais de Teresina sobre a retenção escolar, focalizando os aspectos intra-escolares que influenciaram a reprovação escolar.

A escolha da quinta série do ensino fundamental surgiu a partir de dados obtidos junto À Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí. Analisando os dados estatísticos da SEDUC/PI sobre o desenvolvimento escolar relativos ao quadriênio 199-2002, observou-se índice alarmante de repetência, principalmente na 5ª série do ensino fundamental, conforme mostra o gráfico a seguir:



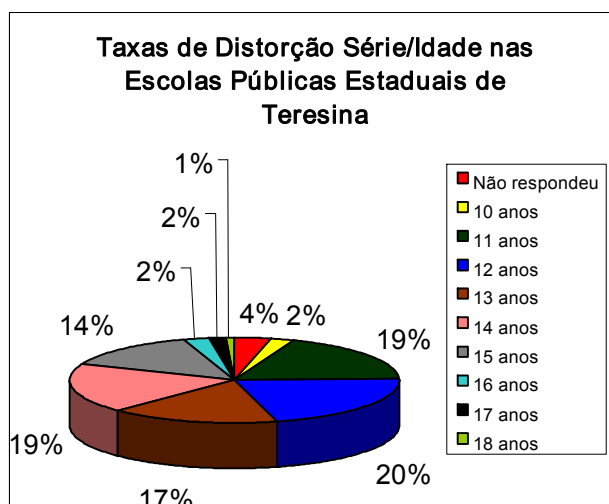
FONTE: SEDUC/PI

São várias as justificativas atribuídas à incidência da repetência na 5ª série: a má preparação recebida nas séries anteriores, processo de transição entre a infância e adolescência, brusca mudança na vida escolar do aluno, além dos problemas extra-escolares que também afeta o educando.

Com o estudo realizado nas escolas públicas estaduais de Teresina, observou-se que há casos alarmantes, como o de uma das escolas investigadas que apresenta um percentual de 90% de repetência na 5ª série. Devido aos números serem altos, as escolas formam turmas somente de repetentes e outras de não repetentes, o que pode contribuir para o aumento da exclusão dos alunos considerados “fracassados”.

Dentre as inúmeras conseqüências da repetência para os alunos com histórico de fracasso escolar como por exemplo, a queda da auto-estima do aluno, agravamento evasão escolar e da distorção série e idade.

Como mostra o gráfico abaixo, verificou-se nas instituições analisadas variações de idade com uma quantidade expressiva de alunos atrasados na série em que se encontram.



Sabe-se que o ideal seria que os alunos da 5ª série tivessem de 10 a 11 anos, no entanto observa-se que apenas 21% dos alunos estão atrasados e uma parcela expressiva de

15% está com a idade avançada para a série (entre 12 a 18 anos). 4 % dos entrevistados não revelaram a idade.

Para os que defendem a repetência, o seu objetivo da repetência seria proporcionar ao aluno mais uma oportunidade para aprender o que supostamente não conseguiu aprender para que atingisse o rendimento esperado pela escola. Nesse sentido espera-se que no ano seguinte ele alcance a promoção, entretanto são as taxas de multirrepetência têm mostrado que nem sempre isso ocorre.

Dos alunos entrevistados, 54% eram multirrepetentes (alunos que repetiram mais de uma vez). Isso mostra que a repetência não traz benefício algum para o aluno, sendo o educando o mais prejudicado e quase sempre o único punido nesse processo. Nesse sentido, Paro (2003:2) descreve a reprovação como *um processo irracional que espera um ano inteiro para, em vez de corrigir os erros, apenas condenar o aluno a repetir todo um ano do mesmo ensino medíocre.*

Nessa mesma perspectiva Gentile (2003:2) afirma que:

[...] Quem repete tem desempenho cada vez pior e o fato de ter repetido pouco acrescenta à sua aprendizagem. Vai apenas rever os mesmos conteúdos, com os mesmos métodos, e ao lado de colegas mais novos, que nem sempre compreendem a sua situação [...]

Como foi dito anteriormente, o fracasso escolar é um fenômeno complexo e como tal é determinado por vários aspectos. O aspecto sócio-econômico certamente representa um obstáculo para a aprendizagem do aluno. Porém, existem fatores intraescolares diretamente relacionados com a repetência escolar. Para uma maior averiguação da questão indagou-se aos alunos repetentes sobre os motivos da reprovação no ano anterior. Através dos dados analisados foi possível construir quatro categorias de respostas:

#### **REPROVEI POR:**

- **Influência de meus colegas (7%):** “Um menino ruim me levou para o mau caminho”, “os meus colegas contribuíram”, “Maus alunos bagunceiros”, entre outros;
- **Ter dificuldades de aprender (12%):** “Era muita coisa para o aluno estudar”, “Matemática é muito difícil”, “Muito difícil aprender”, “Muito assunto de uma vez”, entre outras.
- **Culpa do professor (16%):** “a maioria dos professores não dava aula”, “A professora fez eu fazer uma prova sem estudar”, “A professora fez três provas em seguida terminando uma começando a outra”, “As professoras que me deixaram reprovar”, entre outras;
- **Minha culpa (65%):** “Eu só Bagunçava e não estudava”, “Só queria saber de Brincadeira e falta de interesse”, “É por que eu falava muito”, “Eu não prestava atenção e dava trabalho ao professor”, “Por causa do meu comportamento em sala de aula”, “Porque eu deixei de estudar nas provas finais” e etc;

Analisando as categorias acima se observa que os alunos absorvem a culpa pelo fracasso que sofrem, considerando a falta de interesse e responsabilidade como as principais causadoras do insucesso escolar. Mesmo sabendo que são vários os fatores causadores do

fracasso escolar, é perfeitamente compreensível o fato desses alunos incorporarem essa culpabilidade, uma vez que são sempre eles os punidos. Aluno que reprova é rotulado de incapaz, um verdadeiro fracassado. Dessa forma, a repetência apresenta-se como um “castigo” exclusivo do aluno, apresentando-o como culpado.

A educação brasileira primeiramente necessita de uma reformulação direcionada a realidade de seus educandos, para que possa cobra-los interesse e se aproximar mais do sucesso escolar. É como esclarece Patto (2000: 116):

[...] uma escola desinteressante vem se somar um aluno desinteressado; é uma simples questão lógica: enquanto a primeira não melhorar, não se pode afirmar a falta de motivação como inerente ao segundo [...]

Portanto, uma escola que oportuniza a aprendizagem considerando a realidade do educando e apresenta o educador como mediador deste processo desvenda o seu verdadeiro valor. O aluno deixará de ser mero receptor de informação e passará a ser um construtor de conhecimento. Dessa forma, antes de apresentar o aluno como culpado e pregar-lhe uma punição, deve-se considerar sua opinião e analisar seus conhecimentos prévios, pois o educando pode está inserido em uma realidade diferente daquela proposta no modelo educacional apresentado pelo sistema escolar.

A exemplo do que foi constatado por outros estudos (PATTO, 200; GENTILE, 2003 e muitos outros) , sejam repetentes ou não, indicaram a reprovação como desvantagem para o desempenho do aluno, apesar de 65% assumirem a culpa por ter sido reprovado. Os alunos concebem a reprovação como perda de tempo, que os atrasa e poderá prejudicá-los no futuro. O quadro abaixo ilustra algumas das justificativas apresentadas por esses alunos:

**QUADRO DEMONSTRATIVO 1: Justificativas dos alunos por considerarem a reprovação como desvantagem**

<i>Fica atrasado</i>
<i>É muito triste</i>
<i>Perde tempo</i>
<i>Prejudica o estudo</i>
<i>Não adiantou. Continuo sem estudar</i>
<i>Pai e mãe ficam tristes</i>
<i>Estudar tudo novamente</i>
<i>Porque nós atrasamos e estamos impossibilitados de trabalharmos mais cedo</i>
<i>Porque fica na mesma sala com a maioria dos colegas é ruim</i>
<i>Porque tem professor que dizem que aluno passou sem ter passado</i>
<i>Porque vai custar mais para se formar</i>
<i>Porque você perde muita coisa</i>
<i>Eu não concordo com a reprovação, pois não ajuda no desenvolvimento do aluno</i>
<i>Porque a gente fica de castigo</i>

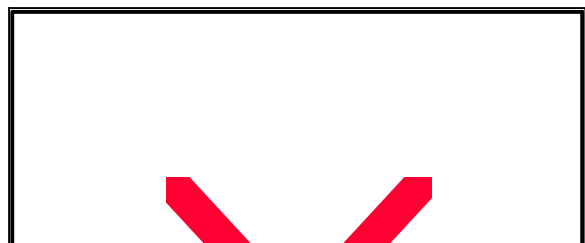
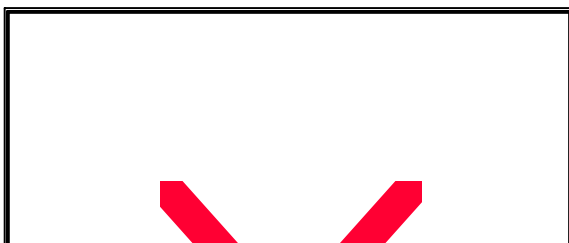
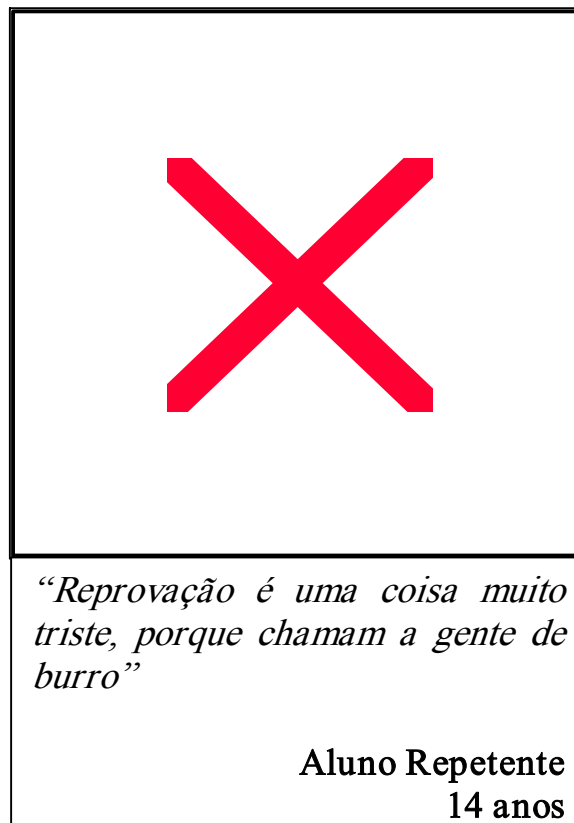
É notório que a reprovação possui um objetivo: o qual seria pressionar o educando a ter mais interesse pelo aprender. Porém, esse interesse não deveria ser pressionado, mas estimulado pela instituição. Nesse sentido, uma reflexão sobre o papel da escola e do professor deve existir, para que uma reformulação no ambiente de ensino possa se concretizar, pois se acredita que uma maior eficiência da instituição como um todo resultará em um maior interesse do alunado, porque de acordo com Paro (2003:1):

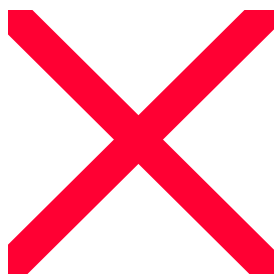
[...] a reprovação, a pretexto de pôr, no aluno, a culpa por um fracasso que é de todo o sistema escolar, revela-se a própria negação do processo avaliativo, necessário a qualquer prática humana, individual ou coletiva [...]

Devido ao fato de assumirem a culpa pela reprovação, ao delinear algumas sugestões para acabar com esse problema a maioria dos alunos tem como opção uma mudança de atitude deles próprios, como: estudar mais (29%) e presta mais atenção nas aulas (17%). 20% referem-se a ação dos professores: “Dar mais chances (fazer trabalhos, mais recuperações, pontos extras, provas finais, entre outras)”, “Aulas com mais explicações”, “aulas mais animadas”, “tirar alunos que não querem nada”. Outra sugestão refere-se a implantação de um programa de apoio pedagógico específico (2%).

Face ao exposto, observa-se que os estudantes reconhecem seus erros, mas acreditam ser desvantagem a reprovação para seu desempenho escolar, principalmente para os que já são repetentes ou multirrepetentes.

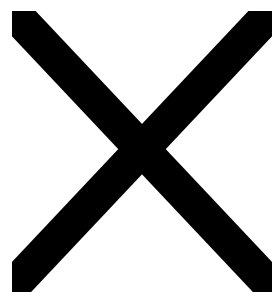
Os desenhos abaixo, ilustrados pó repetentes, podem representar melhor o significado da reprovação para o aluno:





*“É muito ruim reprovar, passei muita vergonha, peguei muitos nomes feios”.*

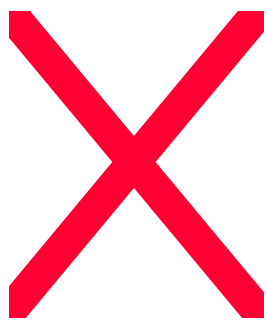
**Aluno Repetente**  
14 anos



*“Meus pais passa o dia todo dizendo que eu não estou estudando, mas eu estudo, eu só não entendo nada.”*

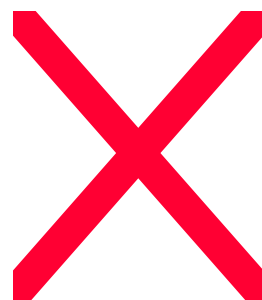
**Aluna Repetente**  
15 anos





*“Minha experiência com a reprovação escolar é simples já virou rotina”*

**Aluna Repetente  
16 anos**



*“Acho que a reprovação ajuda a crescer e saber que não é aquilo que quero.”*

**Aluno Repetente  
14anos**

Esses desenhos podem expressar um pouco do que essas crianças sentem ao receber **reprovado** como resultado no final do ano letivo. Em meio a sentimentos como raiva, tristeza e medo, observa-se que alguns são rotulados, além de castigados e pressionados pelos



pais e professores. Esses depoimentos incitam uma análise da real função da escola, pois esses mesmos estudantes acreditam que a escola ainda é único meio de “*ser alguém na vida*”.

Portanto, questiona-se o fato de ser atribuída ao alunado (na maioria dos casos) a culpabilidade pelo fracasso escolar. Acredita-se que para a resolução deste problema deve haver o envolvimento da escola, dos pais, dos professores e dos alunos. Ou seja, é necessário questionar a escola e todo o sistema educacional, pois se deve lançar um olhar sobre o ambiente educacional do aluno, e não apenas sobre ele próprio.

Apontar a repetência como uma problemática que tem origem apenas no aluno isoladamente, sendo o sistema educacional isento de qualquer responsabilidade pelo fracasso do educando não ajuda a reverter o quadro apresentado, uma vez que a educação deste milênio alega que a escola, ao lado de outros agentes, pode apresentar sérios indícios deste problema. Como afirma Costa (1994): “*O aluno que fracassa não como um indivíduo isolado mas situado num contexto, produto de uma classe social, acredita-se fazer uma mediação entre o individual e o social*” (p.19)

Nesse sentido, acreditamos que as informações obtidas junto aos alunos da 5ª série podem ser significativas, uma vez que sugerem uma reflexão sobre o papel da escola e do professor para que a reformulação do ensino se concretize e se reverta em práticas favoráveis para o sucesso escolar dos alunos. Os alunos podem ser apenas “vítimas” desse ensino deficiente que favorece a produção do fracasso escolar.

É preciso que se busquem novas práticas de ensino, recursos mais compatíveis com a atualidade e utilizar novas maneiras de explorar o conteúdo curricular. A contextualização dos currículos no cotidiano e as experiências dos educandos são imprescindíveis. Somente dessa forma, o conhecimento adquirido em sala de aula poderá tornar-se significativo para os alunos da 5ª e demais séries.

## **BIBLIOGRAFIA:**

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução. V. 1 Brasília, 1997.

COSTA, D. A. F. **Fracasso Escolar:** Diferença ou Deficiência. Kuarup, 1994.

FERREIRO, E. **Com todas as letras.** São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **A educação contra a educação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2ª edição, 1992.

GENTILE, P. **Repetência:** a grande culpada. Nova Escola, n166, 2003.

GOMES, M. de F. C. e SENA, M. das G. de C. (Orgs). **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. <http://www.inep.gov.br>

LEAL, T. F. et al. **Ler para viver: alfabetização de jovens e adultos em discussão.** Teresina: PMT/UFPI, 1996.

LAMPRECHT, R. R. Aquisição da linguagem pela criança depois dos cinco anos de idade. In: TASCA, M. (Org.). **Desenvolvendo a língua falada e escrita.** Porto Alegre: SAGRA, 1990, p.166-177.

MOSCOVICI, S. **A representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PARO, V. H. **Progressão Continuada e Ignorância**. São Paulo, 2003. disponível em:  
<http://www.inep.gov.br>

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Parma, 1991.

SOARES, M. B. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1994.